

## Kierkegaard: pensador religioso/ existencial

### RESUMO

O presente ensaio tem por finalidade mostrar as similaridades existentes no pensamento de Kierkegaard, entre o pensador religioso e existencial. Quer-se evidenciar que, em se tratando da filosofia kierkegaardiana, estes aspectos não são excludentes.

**Palavras-chaves:** Filosofia; Kierkegaard; Religião; Pensamento existencial.

### ABSTRACT

The present essay has for purpose to show the existing similarities in the thought of Kierkegaard, between the religious and existential thinker. One wants to evidence that, in if treating to the kierkegaardiana philosophy, these aspects are not exculpatory.

**Key words:** Philosophy; Kierkegaard; Religion; Existential thought.

---

\* Mestre em Filosofia e Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Professor do Curso de Psicologia da UFC (Campus de Sobral).

## Introdução

Como qualificar com justeza o pensamento de Kierkegaard? Apenas mais um existencialista? Rotulá-lo tão-somente como uma espécie de antecipador das ideias do existencialismo francês me parece um exagero (nem tudo coincide com as reflexões de Sartre), uma injustiça para com a riqueza das interrogações kierkegaardianas. Como qualificá-lo então? Quando se fala aqui em *qualificar*, não é somente incluí-lo no rol cronológico dentro da História da Filosofia: não seria mais do que repetir o já amplamente divulgado em compêndios bastante difundidos, para não dizer repetitivos.

É nítido ver em Kierkegaard dois aspectos que lhe são *complementares*: por um lado existe o *pensador religioso*; de outro, o *pensador existencial*. Em geral nos livros de História da Filosofia somente o pensador da existência é levado em conta, enquanto que o Kierkegaard religioso é pouco lembrado e falado. Em Kierkegaard, o ser religioso e existencial não era problema: ele não carecia de vivê-los em separado; os dois eram ele mesmo.

É sobre estas dimensões de seu ser que se pretende rapidamente esboçar aqui.

## O Autor Religioso

No que concerne ao *autor religioso*, é mais interessante deixá-lo falar sobre como ele vê a si mesmo. No entender de Kierkegaard, seu percurso tem a ver com loucura e intenção.

As palavras *loucura* e *intenção* não são arbitrárias, mas usadas como epígrafe pelo próprio Kierkegaard no início do seu *Ponto de Vista* (KIERKEGAARD, 1986b) como um modo de ver e interpretar suas próprias *intenções* que animavam sua investigação existencial e a linha tênue sobre a qual sua abnegação obrigava-o a andar ao ponto da loucura poder abatê-lo a qualquer momento. Sua inspiração socrático-platônica não lhe permitiu quedar

na desrazão, mas lançar-se cada vez mais na reflexão profusamente dialogal da alma consigo, ainda que guardado um silêncio pessoal diante de seus contemporâneos ao escrever suas várias obras pseudonímicas (como p.ex., *A Retomada*; *Temor e Tremor*; *O Conceito de Angústia*; *Migalhas Filosóficas*, entre outras) nas quais os "autores" se declaravam mais ou menos "filosóficos" e se mostravam como *tipos existenciais*. O próprio Kierkegaard não se declarava como *filósofo*, preferindo o qualificativo de "autor religioso". Com isso visava a problemática do *dever cristão* como motivação e meta; sua fonte de alegria e sua paixão (*pathos*); sua perplexidade e seu espanto. Enfim, esse questionamento dominava-lhe numa reflexão propriamente filosófica.

Com isso, Kierkegaard deixava entrever o ideal filosófico (o qual, aliás, ele viveu) como a preparação para a morte (PLATÃO, 1979), se que com isso se compreenda um exercício de desprender-se de si mesmo no tocante aos entraves do corpo, já que a filosofia é justamente essa preparação.

Kierkegaard é, portanto, reflexão do início ao fim e não um *irracionalista* como já se apregou alhures. Ele é somente alguém que existiu e viveu, como ele mesmo diz, a exumar os conceitos cristãos (VALLS, 2000, p.187). Vale-se da especulação (embora seja contra ela no sentido sistemático e enclausurado), mas numa modulação diferenciada, pois acreditava que o puro especular desvinculado do *dever humano* é oco, sem sentido, como os sistemas filosóficos de então. Procedendo assim, a reflexão só tem sentido se for uma retomada constante do *vir-a-ser humano* e propriamente cristão.<sup>1</sup>

Na justificação do humano perante Deus, Kierkegaard se torna objeto de si mesmo em suas infundáveis interrogações que eclodiam na forma de discursos assinados sob seus estranhos pseudônimos (eis alguns "nomes": Frater Taciturnus; Johannes de Silentio; Vigilius Haufniensis; Nicolaus

<sup>1</sup> Paula (2009, p.37), todavia, chama atenção que Kierkegaard tinha sua sistematicidade própria, isto é, "um determinado método ou estratégia de comunicação". A maneira como ele organizou seus escritos, intercalando-os as obras pseudonímicas e aquelas assinadas por ele mesmo, a ordem dos assuntos que muitas vezes os uniam, formam um verdadeiro *corpus kierkegaardiano*. Isto posto, não há, em Kierkegaard, "uma recusa total do sistema, mas uma tentativa de inserir nele a preocupação com o indivíduo e com o ponto de vista subjetivo".

Notabene; Victor Eremita; Constantin Constantius; Johnannes, o Sedutor; Johannes Clímacus; Johannes Anticlímacus; Hilário Bogbinder). Bem parecido com Platão, não fala em nome próprio, mas por um *outro* para transmitir o quão ignorante somos de nós mesmos, do mundo e, sobretudo, de Deus. Não assumir essa espécie de *docta ignorantia* o levaria à perdição.

Kierkegaard não se ilude sobre a iminência de se perder se a reflexão do ideal cristão não for realmente levado a sério. O que está em jogo é uma preocupação com um sentido que abrange o humano, sua história e o mundo. Por outras palavras, está em jogo o que há de mais fundamental no humano quando vem à baila sua possível relação com Deus.

Para Kierkegaard, portanto, o Deus cristão é o *Modelo*<sup>2</sup> que não pode ser deixado de lado na busca de compreendê-lo, embora não possa explicado em Sua totalidade. O religioso e as exigências da razão, para Kierkegaard, tornam-se um<sup>33</sup>, mesmo que, às vezes, seu cristianismo exiba (Kierkegaard parece querer mostrar essa imagem) algo incrivelmente terrificante e sombrio. A existência é uma vocação que não se cansa até repousar nos braços divinos; que se pensa e que se vive ao mesmo tempo numa relação dialética que consumiria as forças de qualquer humano. Isso também consumiu as forças de Kierkegaard. A diferença é que, estando inexoravelmente aguilhoado ao cristianismo pietista advindo da bizarra e sombria relação de amor e temor com o seu pai, Kierkegaard talvez tenha ficado mais sensível para as exigências radicais do que significa estar na condição de "cristão".

Intitular-se um autor religioso configura-se, para Kierkegaard, de um modo todo especial que ultrapassa e muito o rótulo de simplesmente *teólogo* e que poderia ser outorgado por causa dos temas religiosos constantes em seu pensamento. Na *Introdu-*

ção de seu *Ponto de Vista* ele fala de modo muito categórico como se intitula e a quem se destina seu empenho. Diz ele que

Esta pequena obra propõe-se, pois, dizer o que sou verdadeiramente como autor, que fui e sou um autor religioso, que toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema de tornar-se cristão, com intenções polêmicas diretas e indiretas contra a formidável ilusão que é a cristandade, ou a pretensão de que todos os habitantes de um país são, tais quais, cristãos. (KIERKEGAARD, 1986b, p. .22).

Sua intenção não poderia ser mais clara: pregar o cristianismo em meio à cristandade. E a maneira de fazê-lo só poderia inspirar-se em Sócrates: de modo indireto, fazendo-se mais ou menos ignorante, ou, quando muito, apenas "bem informado". Constrói-se uma ilusão para lidar com outra ilusão, sendo a primeira a serviço da verdade. Kierkegaard, reconhece estar sozinho nesta empreitada, pois não buscava o reconhecimento de ninguém, embora o futuro poderia ser-lhe mais clemente (KIERKEGAARD, 1986b).

Kierkegaard *desaparece*<sup>4</sup> até para si mesmo como escritor. Seus textos "estéticos" (aqueles assinados por pseudônimos) deixam um espaço, em si mesmo, para um *outro* que não existe de fato, sendo, talvez, a ilusão de um ideal pessoal não realizado ou de como se processaria as "etapas no caminho de tornar-se indivíduo", quem sabe.

Estas obras também *matam* para prevalecer suas ideias, opiniões, transgressões, silêncios, e seu *pathos*. Sua imortalidade acaba por prevalecer, apenas, quando se sabe que tal obra foi escrita, *na verdade*, "por Kierkegaard". Em suma, Kierkegaard *desaparece atrás de si mesmo* a cada linha que escreve. E isso vale inclusive, para sua "produção religiosa" que leva o seu nome:

<sup>2</sup> Mais uma vez aqui aparece a figura de Platão (1979) quando assume, no *Banquete*, que a sabedoria é o ideal inatingível do filósofo e, por isso mesmo, faz-se filósofo pela busca interminável desse ideal.

<sup>3</sup> Neste sentido pode-se afirmar que a filosofia de Kierkegaard não deixa de ser uma *filosofia da religião*. Mesmo não polarizando ao excesso suas reflexões na figura de Deus, Kierkegaard empreende uma espécie de autocompreensão do tornar-se cristão à partir de Deus como absoluto, tendo como único auxílio a reflexão propriamente filosófica.

<sup>4</sup> Utilizei-me aqui das reflexões de Foucault (1992).

vê-se o *Magister Kierkegaard* a falar de Deus para os humanos. Não são simplesmente sermões, são discursos.<sup>5</sup> Mais uma vez ele se anula, como toda abnegação cristã, para que Deus possa se mostrar.

A obra sobrevive, mas não o autor. Melhor: dizer que Kierkegaard é um autor significa, ao mesmo tempo, descrever e designar algo de sua obra que não os caracteres pessoais, psicológicos do que disse ou tenha querido dizer. Descrição no sentido de apontá-lo como “pai do existencialismo moderno”, ou “o filósofo do desespero”, ou ainda, “o escritor que sublimou sua decepção amorosa em Filosofia ressentida”, etc. Estas rotulações são problemáticas, pois designam aquilo mesmo que descrevem. E Kierkegaard fica a meio caminho entre um e outro.

Como autor, Kierkegaard nos confunde: ao mesmo tempo em que se diz um autor, não confirma tal designação. E fê-lo conscientemente para não atrair a atenção para si mesmo (afinal, como aquele dândi vadio poderia ser autor de obras, ao mesmo tempo, densas e provocadoras?) em vista de seus concidadãos daneses, apontando na direção de Deus. Kierkegaard se apaga para se mostrar; não se defende, mas se explica para que melhor o compreendam no porvir (KIERKEGAARD, 1986B). Talvez, e apesar de tudo, quisesse alguma estima pelo bem que tentou em vida realizar. Do contrário não teria escrito páginas nas quais não se esforçaria para ter uma visão de conjunto de sua obra<sup>6</sup>. Não guardou tanto o silêncio que almejava para si mesmo e como requeria o serviço da verdade. Entretanto, precisava dialogar consigo. E isso ele o fez com uma profusão sem igual.

O problema do devir cristão concerne à relação do crente com seu Deus. Kierkegaard aponta para este Deus de relação; para este cristianismo exigente usando do expediente do filósofo calado/eloquente. No entender dele, Deus tem sua parcela de participação, seja naquilo que ele produziu enquanto autor religioso; seja como agiu para sua felicidade

pessoal, apesar de uma existência “*infeliz e penosa*” (KIERKEGAARD, 1986b).

E por ter tomado como diretriz existencial o tornar-se cristão como a forma de existência autêntica para o humano, justifica-se dizer de Kierkegaard que ele é um *pensador existencial*.

## O Pensador Existencial

Nunca é demais dizer que Kierkegaard foi aquela figura que talvez melhor tenha descrito a postura, a atitude, a convicção de que nenhum sistema filosófico (ou mesmo científico) consegue abarcar a existência humana em seu devir, em suas contradições, em sua facticidade; enfim, em sua tragicidade (no sentido nietzschiano). Kierkegaard viu perfeitamente, ao mesmo tempo em que Schopenhauer e antes de Nietzsche, como qualquer vontade de ordenação sistemática e explicação última resultam em aporias.

A existência é, segundo o próprio pensamento de Kierkegaard, uma opacidade; um nebuloso percurso. Uma impossibilidade lógica: esta não consegue abarcá-la, posto que trabalha com critérios demarcadores da “verdade” ou do conhecimento considerado como “válido”. Assim, a lógica só pode tratar da existência exteriormente a ela. Adentrar na existência é submergir num rio heraclítico imune a paralisações lógicas e/ou abstratas.

Que não se pense que a *existência* de que aqui se fala seja uma espécie de categoria generalista de um certo modo de ser que poderia não se dar. A existência é o processo de devir do indivíduo singular que constrói a si mesmo numa decisão apaixonada e em prol de si como singularidade. O indivíduo que assim procede em sua decisão é *devir* (com o perdão da contradição forçada).

E que não se confunda o existir com o *viver simplesmente dado*. Viventes somos todos nós dentro da condição fatídica de entes biológicos. Sim, somos viventes. Segundo Kierkegaard, existir não é tão simples como

<sup>5</sup> Valls (2000, p.186) fala sobre o caráter filosófico destes discursos religiosos conhecidos como *Discursos Edificantes*.

<sup>6</sup> Além de fornecer uma explicação que justifique a temática do *tornar-se cristão*, esta é outra intenção que animou o feito do *Ponto de Vista* (1986b). Vale dizer também que Kierkegaard deixou instruções expressas de que este livro só fosse publicado após sua morte.

a simples constatação de sermos viventes. Diz ele que “existir em verdade e penetrar sua existência por sua consciência, ao mesmo tempo quase eternamente, muito além dela e, não obstante, presente nela e, não obstante, no devir: é verdadeiramente difícil.” (KIERKEGAARD, 1986a, p. 226).

Neste caso, nós, os viventes que assim somos e nos conduzimos na maior parte do tempo, abstraímos a existência no que ela contém de contradição e paradoxo. Por outros termos, pensamos-la como se fosse um dado eterno, que segue a cotidianidade, quase ignorando nossa finitude. Não conseguimos vê-la sempre como um movimento, um devir que atesta incisivamente nossa destinação cumpridora da nossa finitude.

E a paixão? Kierkegaard escreve, nas *Migalhas Filosóficas*, que um pensador sem paixão é um “tipo medíocre”. Por ser a existência uma enorme contradição, um pensador filosofante e sistemático se vê confuso, inquieto, perdido, sem referências. No entanto, o pensador subjetivo, existencial sendo, antes de tudo, um existente, é certamente um pensador. Sem que seja necessário fazer abstrações, o pensador subjetivo se vê embotado no pensar e no existir simultaneamente; não está *de fora* da existência, mas apaixonadamente imiscuído (afinal, “todos os problemas da existência são apaixonantes”). Kierkegaard concluiu que “sempre tem o bastante para pensar.” (KIERKEGAARD, 1986a, p. 252).

Por conta de que em Kierkegaard, pensar e ser não são a mesma coisa, o pensador subjetivo é, ele mesmo, a própria compreensão em sua existência (KIERKEGAARD, 1986a, p.252). Ele é um humano estético, ético e dialético. Todavia, Kierkegaard prefere dizer que é um “artista”, um “poeta”; alguém tão apaixonado por seu existir/pensar que lembra-nos um pensador grego. Afinal, escreve Kierkegaard que “compreender-se a si mesmo na existência era o princípio grego”. (KIERKEGAARD, 1986a, p. 253).

Este “princípio grego” do existir/pensar fazia com que o filósofo grego antigo não esquecesse sua condição de existente submetido ao devir; o que lhe aperreava, criando as mais diversas filosofias que o possibilitassem *suspender* ou *sair* desta condição. Sua

criatividade em tecer e viver estas filosofias atestava, segundo Kierkegaard, o quão apaixonado deve ser um pensador: o grego também se escolhia e se compreendia.

Bem semelhante a isso será a palavra que Nietzsche dirá mais tarde quando na *Filosofia na Era Trágica dos Gregos* ele escreve que “por consideração à vida, por meio de uma necessidade ideal de vida, os gregos domaram seu intrinsecamente impulso ao conhecimento – porque desejavam viver, de imediato, aquilo que aprendiam.” (NIETZSCHE, 2008, p. 34).

Ora, e ainda segundo Nietzsche, os gregos não procuravam tornar-se eruditos pelo puro e simples acúmulo de conhecimento enciclopédico. Perceberam que era de interesse maior, mais apaixonante, transformar em vida aquilo que aprendiam. Com isso, eles inventaram as “mentes tipicamente filosóficas.” (NIETZSCHE, 2008, p. 35) e em relação a qual a posteridade dos filósofos não conseguiu se igualar.

Kierkegaard justificou uma aproximação destes filósofos apaixonados com o pensador existencial. A “saúde” dos gregos fez deles inventores que tomaram para si as contribuições dos seus vizinhos para ir bem mais além. O grego não é especulativo. Pelo menos os filósofos que Nietzsche chama de *trágicos*, isto é, aqueles que perceberam na existência, na vida, o que vige como *movimento*. O pensador aurido na paixão pode refletir o que está em volta de si mesmo: o *vir-a-ser*, não como uma tese ontológica, mas como condição mesma do existir sem que se apele para um “outro mundo”. De certo modo, tudo isso foi ofuscado por Platão...

Mas Kierkegaard não chega a fazer uma equiparação simétrica ao pensador grego com o pensador existente/subjetivo que tem em mente. Não. Ele também nos diz que o compreender-se a si mesmo é um “princípio cristão.” (KIERKEGAARD, 1986a, p. 253), uma vez que lidar com os difíceis paradoxos cristãos da graça, do pecado, de Deus encarnado no tempo contingente humano, gera uma paixão bem maior do que no grego. Kierkegaard quer o pensador cheio de paixão. Todavia, uma paixão própria que afirme a si mesmo se escolhendo no salto da fé em direção aos braços de Deus, opção bem



mais radical. Longe de ser um desrazoado, o pensador existente/subjetivo “insere a razão no processo de fundamentar o sentido da existência.” (ALMEIDA & VALLS, p. 32).

## Conclusões

Kierkegaard, ao longo de seu percurso, tudo fez para construir uma subjetividade relacional (do Indivíduo) com Deus. Por isso, não chega a surpreender que considere que a *subjetividade e verdade* coincidam. Paradoxalmente, e apesar de tudo, Kierkegaard era *cristão e grego* numa junção filosófica saudável de tensão existencial/pensante.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jorge M. & VALLS, Álvaro L. M. *Kierkegaard*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2007.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 2. ed. Lisboa: Vega, 1992.

KIERKEGAARD, Sören. *Textos selecionados*. Curitiba: Editora Universidade Federal do Pará, 1986a.

\_\_\_\_\_. *Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*. Lisboa: Edições 70, 1986b.

NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na era trágica dos gregos*. São Paulo: Hedra, 2008.

PAULA, Márcio G. *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009.

PLATÃO. *Banquete. Diálogos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. “Os Pensadores”.

\_\_\_\_\_. *Fédon*. In: *Diálogos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. “Os Pensadores”.

VALLS, Álvaro L.M. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.